REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

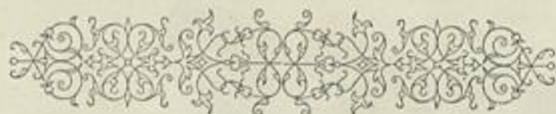
10.º ANNO — VOLUME X — N.º 290

11 DE JANEIRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

PALACIO DE MONSERRATE — VISTA INTERIOR DA GALERIA (Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

O anno de 1887 quiz entrar em Lisboa com o pé direito, e grangear logo as sympathias dos nossos patricios, e conseguiu o.

Apresentou-se radiante e festivo, com um sol claro e alegre, um ceo d'uma transparencia immaculada, com esses formosos dias de inverno que, quando lhes dá para ser bonitos, não ha manhã de primavera que se lhes possa pôr ao lado.

Festa e bom tempo foram as broas que o anno de 1887 offereceu aos lisboetas, e não era preciso mais para que elles sahissem logo de suas casas, enxameassem as ruas, os jardins, as praças, as avenidas, imprimindo á cidade um aspecto festivo e animado, que não está muito nos seus habitos.

Frio fez n'esses dias, como o deve fazer lá para o norte nos dias asperos: mas o sol radiante do meio dia derretia como por encanto o gelo que a madrugada despejava sobre os lagos e sobre os telhados, tão pouco habituados a essas visitas, e os passeios atulhavam-se de gente, e Lisboa passeiava alegre, risonha, denunciando apenas na vermelhidão que lhe coloria a ponta do nariz que se estava no pino do inverno.

E se não se pode dizer ainda se o anno bom será realmente um bom anno, o que elle foi com certeza foi um anno bonito no seu começo.

Aqui porem é que se pode escrever sem rhetorica que esse brilhante sol dos primeiros dias de janeiro foi sol de pouca dura.

De tão pouca dura, que já lá vae, e ainda estamos a 8 do mez.

Os Santos Reis fecharam a serie dos bons dias: hontem o sol não se dignou apparecer, choveu todo o santo dia, e á noite as cataractas do ceo despejaram-se brutalmente sobre Lisboa com acompanhamento de uma ventania infernal que parecia querer levar pelos ares todas as arvores da Avenida e todos os telhados de Lisboa.

E o rio já ha tres dias que anda turvo, bisonho, mal humorado, como que acalentando projectos sinistros e atirando de vez em quando para as praias, como um criminoso a quem por fim o remorso começa a subjugar, mais alguns cadaveres das victimas do *Ville de Victoria*, d'esses desgraçados que elle matou na antevespera do Natal, e que até agora tem escondido no seu seio perfido e homicida.

Esses cadaveres, como era de prever, veem já completamente desfigurados, e á maior parte d'elles tem sido impossivel verificar a identidade: mas tudo leva a crer que são dos naufragos do *Ville de Victoria*, dos quaes faltam ainda muitos, e que ao principio se julgava estivessem todos dentro do navio afundado em frente de Alcantara.

E até se espalhou uma lenda, que correu por ahi quasi todos os jornaes, de que esse navio estava cheio de mortos nas posições mais estranhas e imprevistamente tragicas, segundo a descripção feita por um mergulhador, que descera ao fundo do rio.

E essa descripção, já retocada pela rhetorica mais ou menos vistosa do noticiario, tinha todos os ares d'um capitulo interessante e estranho de Julio Verne, fazia pensar nos quadros submarinos do *Drama no fundo do mar*, e havia mesmo algumas pessoas que pensavam já em alojar-se dentro d'um escaphandro para emprehender a viagem ao fundo do Tejo e presenciar esse estravagante espectaculo, que devia ser de um tragico tão horroroso e tão original.

Tudo isso porem era phantasia de *reporter* lido em romances de sensação, e desfez-se como fumo ante a narrativa authentica d'uns mergulhadores que effectivamente tinham descido ao casco do *Ville de Victoria*, mas que não só não viram os cadaveres, como tambem não viram coisa nenhuma, porque o navio está já enterrado em lodo, e a agua muito turva para se poder levar a cabo qualquer exploração.

Portanto os curiosos avidos de grandes sensações tragicas tiveram que desistir d'esse espectaculo, que seria d'uma imponencia lugubre perfeitamente phantastica; mas se os naufragos do *Ville de Victoria* não lhes dão esse espectaculo, fornecem-lhes outro mais risonho e salutar, um espectaculo que a caridade de um grupo de cavalheiros francezes organisa com a prompta annuencia de muitos artistas notaveis estrangeiros e portuguezes e que, não podendo salvar os mortos, irá minorar a miseria dos vivos que ficaram na viuvez, na orphandade, na pobreza.

A commissão que promove essa festa de caridade é patrocinada pelo sr. ministro de França em Lisboa, e pode-se desde já vaticinar que essa festa corresponderá perfeitamente ao santo fim a que se destina, á santa ideia que a promove.

E ha dois motivos seguros para este vaticinio: primeiro—os elementos poderosos de que, graças á generosidade e caridade de todos os artistas até hoje convidados, a commissão dispõe para organisar uma festa perfeitamente excepcional; segundo — o ella ter sido organisada rapidamente, quando ainda em todos os espiritos vibra a profunda impressão d'essa enorme catastrophe.

Fallámos d'um dos grandes desastres com que o anno de 1886 assignalou lugubremente os seus ultimos dias; fallemos tambem ainda de outro grande desastre — do incendio da rua da Bitesga.

Como acontece sempre que se dá um grande incendio em Lisboa, começou a espalhar-se que o fogo fôra lançado de proposito.

Cremos que, desde que ha fogos, estas versões estão habituadas a fazer o seu passeio pela cidade, para distrahir os espiritos e para affastar as conversações dos tragicos promenores da catastrophe.

Ordinariamente essas versões são calumniosas, muitas vezes idiotas, e nunca o foram mais ambas coisas do que d'esta vez — calumniosa, porque ia ferir um homem honradissimo, um trabalhador probo e infatigavel, um caracter honesto e levantado, que bem merece a estima de todos os homens de bem; idiota, porque recahia exactamente sobre aquelle que mais prejuizo soffreu com o fogo, sem que de forma alguma podesse explicar, ainda o mais imbecilmente possivel, as vantagens que d'elle poderia auferir.

Felizmente o caracter da pessoa que as versões apontavam, era tão conhecido, tudo o que n'essas versões havia de estupido saltava tanto aos olhos, que ellas desfizeram-se rapidamente como fumo, e do inquerito que se fez para se conhecer a origem do fogo, essa origem saiu nitidamente contada pela propria pessoa que incoscientemente causou toda essa medonha catastrophe — uma pessoa cuja narrativa faz toda a fé, porque seria completamente incapaz de a inventar — uma creança de tres ann..s!

Não deixa de ter a sua originalidade estranha, uma catastrophe tão grande, que assombrou uma cidade inteira, que enluctou umas poucas de familias e fez umas poucas de victimas, sair tragicamente da inconsciencia innocente d'uma creança irresponsavel, que conta a sua diabrura infantil, que foi um drama sinistro, com uma simplicidade despreoccupada e ingenua como se contasse a coisa mais natural d'este mundo.

Essa creança, é filha d'uma criada do sr. Carlos Cohen, que morava no 1.º andar do predio incendiado.

Todas as manhãs a pequenita costumava ir á cama de Carlos Cohen dar-lhe os bons dias.

No dia em que se deu o sinistro Carlos Cohen levantou-se mais cedo e foi para o theatro da Trindade acabar uns fatos com que a actriz Florinda devia apparecer na peça nova, a *Dolores*, annunciada para o dia seguinte.

Ás suas horas a pequenita quiz ir ao quarto fallar a Carlos Cohen como era costume.

— O sr. Carlos não está lá, disse-lhe a mãe.

Mas a pequenita não se deu por convencida e foi ao quarto.

Esteve lá um bocado e depois sahiu muito lampeira fechando sobre si a porta.

D'alli a nada rompia o fogo com grande intensidade.

Como seria? como não seria? o que causaria o fogo?

Um alfaiate do sr. Cohen lembrou-se de que a pequena estivera no quarto sosinha, que o fogo rebentára alli e interrogou a:

— Tu accendeste lá no quarto algum phosphoro?

— Não fui eu, foi o gato, respondeu logo a pequena.

Esta resposta trahiu-a: era a sua resposta habitual quando a apanhavam em qualquer diabrura! — Nunca era ella, era sempre o gato.

Instada com bons modos a pequenita contou então, que vira uma caixa de phosphoros ao pé da cama, accendera um, com elle accendeu a vela, e que uns fatos que estavam pendurados ao pé começaram logo a arder; a fazer *frou, frou, frou*, e que então ella saira, fechára a porta para que não vissem, para que não lhe ralhassem!

E aqui teem com toda a eloquencia da verdade innocente a origem do medonho fogo da rua da Bitesga.

Emquanto aos motivos porque elle se propagou tão rapidamente, ainda se não averiguou de quem foi a culpa. Ha commissões nomeadas para inquerito, mas nada se averiguará, porque no fim de contas a culpa d'estes grandes desastres é sempre d'essa coisa ora terrivel ora excellente que se chama o acaso.

O Acaso! Vão lá demittil-o se são capazes.

Quem não era mau que demittissem d'esta vida é um cão damnado que ha cinco ou seis dias passeia por Lisboa dando com as suas dentadas bilhetes de ida e volta a Paris a varias pessoas que decerto pensavam em tudo menos em ir visitar o celebre Pasteur.

Naturalmente esse cão não se tem contentado em morder n'essas pessoas, tem decerto ferrado a sua dentadinha n'outros collegas e d'aqui a pouco sair á rua em Lisboa é um perigo eminente, e a população da cidade ou irá toda para Paris ou para o outro mundo, o que sempre é peior, porque para ahi ninguem dá ainda bilhete de ida e volta.

Parece-nos que esta questão do cão damnado é um bocadinho séria e que á policia compete fazer alguma coisa mais do que tem feito.

Veremos.

No dia immediato aos Reis Magos foi dissolvida a camara dos deputados e a parte electiva da camara dos pares.

Que a estrella dos mesmos reis guie os dissolvidos para as suas terras.

Ás horas em que em S. Bento se lia o decreto da dissolução das camaras, em S. Julião o sineiro tocava os sinos com uma furia desusada.

E coisa exquisita, o badalar d'esses sinos trouxe-nos á memoria aquelles sinos que tocavam d'antes quando partiam as naus para as Indias, cuja bronzêa linguagem o povo traduzia superstíciosamente:

— Quantos irão que não voltarão! Quantos irão que não voltarão!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

PALACIO DE MONSERRATE, EM CINTRA

O leitor que possuir a collecção completa do OCCIDENTE poderá vêr a pag. 169 e 177 duas gravuras de vistas do palacio de Monserrate, referentes uma, vista exterior da entrada do mesmo palacio e outra vista tambem exterior da galleria.

A gravura que hoje publicamos representa o interior da galeria, uma prespectiva encantadora, que nos faz lembrar palacios de fadas ou de principes encantados, que a phantasia oriental idealisou nas suas mais poeticas tradicções, mas que alli vê-mos na realidade de uma edificação oriental, levantada em formosos marmores primorosamente trabalhados, a erguer-se de sobre os rochedos da pittoresca Cintra, por entre a verde vegetação de frondosas arvores que se alçam dos tapetes de flores que matisam o parque.

São tantas as bellezas que offerece o palacio de Monserrate, que não sabemos qual preferir para assumpto de gravura, e a que hoje publicamos não é mais bella que outras que temos publicado, ou que ainda publicaremos.

Não insistiremos mais sobre as bellezas de Monserrate, porque são ellas tão conhecidas e descriptas já, que seriamos prolixos se continuasse-mos na sua discripção, por isso façamos antes uma pouca de historia d'esta maravilha de marmore, que não é descabida nem falta de interesse.

A tradição faz remontar a epochas do dominio arabe, anterior á fundação da monarchia portugueza, a origem d'este palacio.

Diz que fôra então uma habitação explendida em que vivia um musarabe, o qual batendo-se com um alcaide christão o venceu matando-o.

Os christãos que pelo sitio havia classificaram de martyr o alcaide, e sobre a sua sepultura iam orar e derramar lagrimas.

Quando D. Affonso Henriques, em 1147 conquistou a Extremadura e fez descer do castello dos mouros, nas crystas da serra de Cintra, o crescente mulsumano, o povo christão fez construir logo sobre a sepultura do martyr, uma pequena capella dedicada a Nossa Senhora, que o tempo depois derruiu.

Palacio arabe e capella christã, foi pois, segundo a lenda, o que primeiro existiu onde agora se vê o magestoso palacio de Monserrate propriedade do sr. visconde do mesmo titulo.

Os terrenos que constituem a propriedade de Monserrate pertenciam em 1540 ao Hospital de Todos os Santos, em Lisboa, ao qual os afurou um fidalgo da familia Mello e Castro nos annos de mil seiscentos e tantos.

Em principio do seculo XVIII, os referidos terrenos constituiam a quinta de Monserrate ou da Bella Vista, em poder do vice-rei da India, Caetano de Mello e Castro, que, por sua morte, em 1718, a vinculou a seu filho, o primeiro morgado de Monserrate, Antonio de Mello e Castro.

Morrendo este sem successor, passou o morgado para seu irmão Francisco de Mello e Castro que tambem serviu na India onde cazou com D. Joaquina de Mello, viuva de José de Saldanha e filha do general Martinho da Silveira de Menezes.

D. Francisca Xavier Marianna de Faro e Mello descendente d'aquelle casal, cazou com D. Lopo José de Almeida Pimentel, do qual enviuvou em Goa, e arrendou em 1790, por nove annos, a propriedade de Monserrate, que já estava muito augmentada, a Gerardo Devisme.

O novo arrendatario demoliu grande parte do que existia e fez novas edificações, apesar de se retirar para Inglaterra antes de terminar o arrendamento, passando este, em 1794, ao inglez Bechford, que continuou as edificações com grande luxo e arte.

Bechford era filho de Williams Bechford lord-maire de Londres e casado com lady Margarida Gordon, filha do conde Aboyne da Escocia, e veio fugido da justiça ingleza para Portugal, obtendo depois perdão do seu delicto por influencia e pedido da rainha D. Maria I.

Quando Bechford veio para o nosso paiz, acabava de ficar viuvo, porque sua mulher morrera de parto, deixando lhe uma filha que foi depois duqueza de Hamilton na Escocia; duqueza de Brandon, na Inglaterra; e duqueza de Chattellerand, em França.

Bechford parece que se namorou, em Portugal, de uma filha bastarda do marquez de Marialva, mas não conseguiu casar com ella, o que o desgostou a ponto de deixar para sempre o nosso paiz.

O romance de Rebello da Silva intitulado *Lagrimas e Thesouros*, parece que foi inspirado n'este facto.

Uma curiosa collecção de cartas a respeito da côrte de D. Maria I, torna tambem lembrado o nome de Bechford, como seu auctor, que morreu em Inglaterra, na sua magnifica propriedade de Foutill, em 1835, com avançada edade.

Passou depois Monserrate por uma epoca de destruição com varios arrendatarios que teve e que nenhum curou da sua conservação ou augmento, mas unicamente de a disfructarem e arruinarem, e assim estava, quando o sr. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, a vendeu ao sr. Cook, hoje Visconde de Monserrate.

O que o sr. Visconde de Monserrate tem feito d'esta propriedade é, como já dissemos, conhecido e descripto profusamente.

O sumptuoso palacio, com as edificações que lhe pertencem, alargando os seus dominios pela florescente Cintra, lá está attestando o bom gosto e riqueza do seu possuidor, e se não tem o aspecto feudal e dominante do palacio da Pena, talhado e relevado altaneiramente na crysta da serra, tem toda a phantasia e riqueza perfumada da arte oriental, tão caprichosamente transplantada para a fresca Cintra em collosal açafate de flôres.

Junto do palacio ha um magnifico jardim botanico dos mais notaveis do paiz, e proximo uma magnifica lavoura, estabelecida na quinta denominada do *Espirito Santo*, que pertence tambem ao sr. Visconde de Monserrate.

A FAZENDA GRATIDÃO, NO DANDE EM AFRICA

A fazenda Gratidão, no rio Dande, é uma das mais importantes plantações que existem em Africa. Pertence ao sr. Francisco Joaquim da Cunha, um portuguez que não teve horror á Africa, e que, com o seu trabalho e intelligencia, está concorrendo para o desenvolvimento da riqueza colonial.

É d'isso bom testemunho a fazenda a que nos referimos, propriedade vasta que se estende pela margem esquerda do rio, um pouco acima do seu leito, regando as suas ferteis plantações com a agua que tira do rio por uma grande bomba movida a vapor, que a nossa gravura representa.

A plantação, que consta principalmente de canna de assucar, produz grande quantidade de aguardente, que é extrahida por meio de apparelhos de distillação dos mais modernos e aperfeiçoados.

Emprega n'estes trabalhos grande numero de serviçaes pretos, que fazem da fazenda Gratidão uma colonia importante, um pequeno centro de civilisação africana.

Uma casa confortavel de habitação, varias senzalas e mais officinas de lavoura, completam esta magnifica propriedade.

O GENERAL FRANCISCO PITTIÉ

O general francez Francisco Pittié falleceu em Paris no dia 3 do mez passado, e a noticia da sua morto produziu em França profunda sensação, porque importou uma grande perda para aquelle paiz.

As altas qualidades do illustre militar e a posição que occupava junto da presidencia da republica justificam o sentimento da França, que não só perdeu um militar distincto, como um diplomata habil e um poeta apreciavel.

O general Pittié nasceu em Nevers em 1829, e fez os seus primeiros estudos no lyceu Carlomagno, entrando depois para a escola militar de Saint-Cyr, d'onde sahiu em 1849 no posto de tenente, tendo feito um bello curso.

Entrou nas campanhas da Crimea, tomando parte em muitas acções, e foi gravemente ferido em Sebastopol. Quando esta longa campanha terminou, Pittié tinha ganho, junto com o posto de capitão, grandes titulos de gloria, pelo valor com que se conduziu n'esta tremenda lucta.

Em 1866 era major e chefe do batalhão 46.º de linha, e em 1870 fez parte do exercito de Bazaine, que combatia pela honra da França contra a Allemanha. Tinha então o posto de tenente-coronel.

Distinguiu-se valorosamente na batalha de Pont-Noyelles, conseguindo deter, á frente de um regimento collocado nas eminencias e nos desfiladeiros de Frechencourt e de Bavelincourt, a marcha da 16.ª divisão do exercito prussiano, que procurava envolver a ala direita do exercito francez.

Tendo escapado á capitulação de Metz, apresentou-se a Bourbaky, e passou ao exercito do Norte sob as ordens do general Faidherbe, distinguindo-se na batalha de Amiens, o que lhe valeu o posto de coronel.

Em 1879 foi promovido a general de brigada, e em 1883 a general de divisão.

Era chefe da casa militar do sr. Grévy e seu secretario geral.

O general Pittié, nos ocios da paz, cultivava as musas com distincção, e deixou algumas obras, de que citaremos *As Scabienses*, o *Roman de la vingtième année*, e o ultimo livro publicado, *A travers la vie*, obra de subido merecimento poetico.

Nobilitou tanto a penna como as armas, e á finura do seu espirito deveu o desempenhar-se sempre distinctamente das missões diplomaticas que a França lhe confiou.

As corvetas «Duque de Palmella» e «Sagres», escolas de alumnos marinheiros

A introducção no nosso paiz das escolas de alumnos marinheiros, a bordo de navios exclusivamente destinados a tal fim, que de ha muito existem na Inglaterra e outras nações maritimas, data de fevereiro de 1876, em que foi decretada a sua creação, determinando-se o estabelecimento da 1.ª escola a bordo de um navio surto no Tejo, podendo admittir até 100 alumnos.

Em dezembro d'aquelle anno foi promulgado o regulamento, e em janeiro do seguinte achava-se instalada a escola, a bordo da corveta *Duque de Palmella*, que para isso tinha sido apropriada.

O 1.º commandante que a escola teve foi o então 1.º tenente Pedro Diniz, que trabalhou de um modo notavel e com muito bom resultado, durante o seu commando, para que a instituição, nova entre nós, e na realisação da qual elle se tinha empenhado o mais possivel, correspondesse ao fim que se tinha tido em vista, creando a.

Era então de 3 annos o curso escolar, e o costeio pago pelas sobras resultantes das vacaturas, que annualmente se dão no corpo de marinheiros.

Decorridos annos, o governo conhecendo que não tinha sido illudida a esperança, que se havia nutrido, dos favoraveis resultados da tentativa, e que a afluencia de alumnos, ia successivamente crescendo, resolveu ampliar a instituição.

Com este fim promulgou o decreto de 27 de julho de 1882 no qual determinou, que a escola se estabelecesse a bordo de tres ou mais navios em Lisboa, Porto e S. Miguel, e podessem ser admittidos até 400 alumnos, distribuidos proporcionalmente por aquelles navios.

N'esse decreto estabeleceu se, que as despezas das escolas fossem tiradas não só das sobras resultantes das vacaturas no corpo de marinheiros, mas tambem das que podessem ter lugar pela incompleta utilisação da verba destinada aos navios armados, e vacaturas na classe dos officiaes marinheiros.

Passou por essa occasião a ser o curso de 2 annos, podendo comtudo os alumnos ficar mais um anno na escola, depois de o haverem completado, se não tivessem ainda attingido o desenvolvimento physico preciso, para a immediata entrada no corpo de marinheiros.

Em dezembro de 1883, achando-se a corveta *Sagres* surta no Douro, prompta a receber os alumnos, foi nomeado seu commandante o capitão de fragata Rodrigo Pinha.

Não podia ser mais acertada a escolha d'aquelle official para tal commissão, por que além de já ter por esse tempo exercido o commando da escola de Lisboa, do modo mais distincto, o seu zelo, pouco vulgar, pelo serviço, e a sua intransigencia para com as irregularidades e abusos n'elle, eram segura garantia de que a melhor ordem seria seguida na organisação da nascente escola, como os factos posteriormente affirmaram.

Bastantes alterações se tem feito na installação da corveta *Duque de Palmella*, desde o principio do seu funccionamento como escola.

Não é isto para estranhar porque só com o tempo se teem ido apresentando as necessidades de se proceder a ellas.

Como era natural, não succedeu outro tanto com a *Sagres*, por isso que n'este navio, ao fazerem-se as obras precisas para a respectiva installação, se introduziram todas as modificações, que a experiencia de 6 annos, tinha indicado como precisas ou convenientes.

Em 19 de fevereiro do corrente anno, foi approvado o novo regulamento para as escolas, o qual é o mais minucioso possivel, e mostra bem a competencia sobre o assumpto, dos membros da commissão que o formulou.

Devido em grande parte ao cuidado que tem havido na escolha dos officiaes empregados no commando das escolas e dos seus naturaes auxiliares os officiaes seus subordinados, bem como na do pessoal inferior, são bastante lisongeiros os resultados colhidos. Hoje commanda a escola de Lisboa o capitão de fragata Ferreira Marques, official com um longo tirocinio de mar, de um bom senso e prudencia a toda a prova, e cujas qualidades pessoaes o tornam estimado e respeitado, e a do Porto o capitão tenente Pinho, tambem muito bem reputado entre a classe.

Tanto n'um como n'outro navio, o aceio interno e a boa ordem são inexcediveis.

O modo por que os alumnos são tratados, havendo com elles a maxima benovolencia, manifesta-se bem no seu aspecto alegre, indicativo de que não vivem debaixo da pressão, que no seculo passado e ainda em parte do actual, se suppunha necessaria para que se colhesse o resultado que hoje se obtem por meios mais em harmonia com as idéas actuaes, com são os premios aos alumnos cujo comportamento e applicação lhos faz merecer.

Estes premios consistem em commutação das penas que lhes tenham sido impostas.

Louvores em ordem ao navio-escola.

Licenças extraordinarias.

Passagem á classe superior de comportamento.

Premios e distincções constando de livros ou artigos de uso do marinheiro.

E finalmente graduação em cabo alumno, chefe de secção ou chefe de quarto.

As disciplinas em que os alumnos são instruidos na escola são: — lêr, escrever e contar e toda a instrucção proficional do marinheiro militar.

A educação militar, religiosa e moral, formam uma parte da instrucção, com que ha o maior cuidado.

A nossa gravura representa os 2 navios; por ella se vê o esmero com que estão apparelhados e o seu bonito aspecto.

Não é só interiormente que elles estão de um irreprehensivel aceio, os seus cascos estão tão burnidos, como o do mais irreprehensivel navio de guerra.

Finalmente as nossas escolas de alumnos marinheiros podem, sem vergonha para nós, soffrer o confronto, com a dos outros paizes, onde esta instituição tem longos annos de existencia.

Pena é que ainda se não tenha podido estabelecer a escola nos Açores, cujos habitantes são reconhecidos como excellentes marinheiros, e á qual de certo não faltariam alumnos.

A.

VICENTE JORGE DE CASTRO

I

No dia 12 de dezembro do anno que passou, fomos duramente surprehendidos pela noticia da morte de um amigo estimado, que conhecemos ao darmos os primeiros passos na nossa carreira de artista.

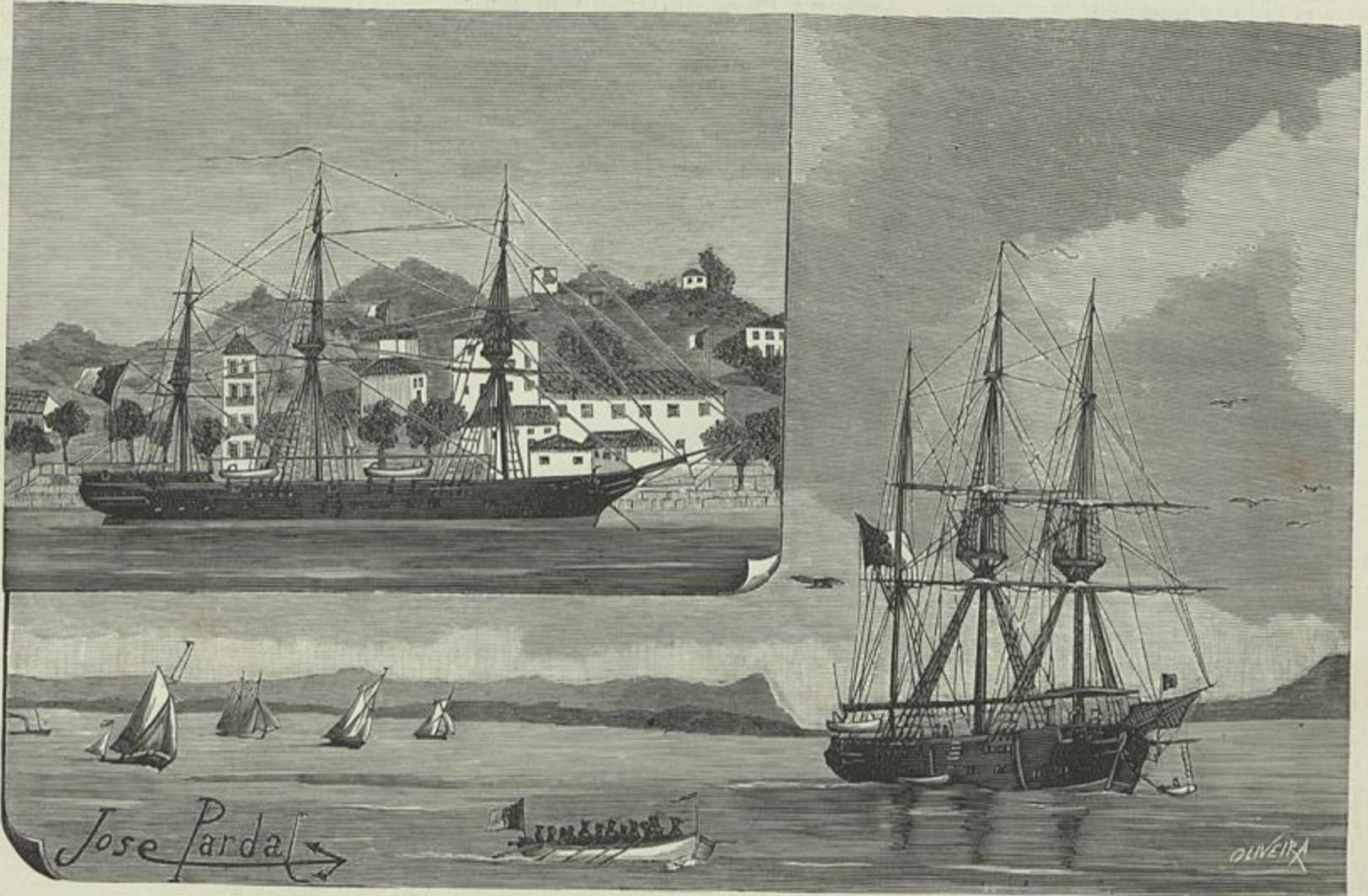
Esse amigo de quasi trinta annos, era Vicente Jorge de Castro que fallecera no dia 10, fallecimento de que só dois dias depois tivemos conhecimento, porque incommodo de saude nos tinha recolhido por essa occasião.

Nada nos fazia esperar uma tal noticia, a não ser a fatalidade da morte que muitas vezes surge implacavel ante as mais robustas organisações, como que para mostrar bem, e não fazer esquecer, a fragilidade humana.

Vicente de Castro não era um athleta, nem era um novo; mas os seus 65 annos resistiam valentemente, retemperados por uma organisação vigorosa e saudavel, onde a doença nunca penetrára com os seus effeitos deleterios, onde um trabalho presistente, incansavel, era a satisfação de uma necessidade physica activada pelo nervosismo, que não deixava desenvolver por sobre os musculos, substancias flacidas e symptomaticamente apopleticas, onde um viver sobrio, afastado dos gosos que traiçoeiramente minam a existencia, com a mais requintada hypocresia de risos e intemperanças, garantia sobejamente uma vida longa e util, empregada enthusiasticamente no trabalho, cultivando com progressivos resultados a difficil arte de Gutenberg.

Era a sublime arte da luz e do progresso, a constante preoccupação d'aquelle espirito, que não envelhecia para as locobrações do estudo, dos aperfeiçoamentos typograohicos, embora o seu physico não podesse já occultar os effeitos de desgostos recentes causados pela morte de pessoas queridas de familia, de que a ultima fôra sua esposa, uma artista ignorada, de rara habilidade e intelligencia, que reproduzia com uma realidade inexcedivel essa grande familia de vegetaes, em primorosos exemplares de cêra, que illudiam os mais experientes, e que na exposição de Paris de 1855 mereceu um dos primeiros premios.

Estes desgostos tinham effectivamente marcado profundos sulcos nas faces nervosas de Vicente de Castro, mas a sua querida arte animava-o a proseguir na carreira gloriosa, acompanhado por seu filho Jorge de Castro, um mancebo tão intelligente quanto modesto, que seguirá honrosamente as tradicções de seu pae, assim como lhe ouviu os conselhos e aprendeu os segredos da arte.

Não se pense, porém, que todo este enthusiasmo que o artista tinha pela sua arte, fosse estimulado por uma necessidade material da vida, porque emfim a necessidade é um estimulo, mesmo para os espiritos mais rudos. Não. Vicente de Castro não precisava em absoluto de trabalhar com tanto afan para occorrer ás necessidades da vida, tinha outros meios de que viver sem tanta fadiga. Isto, porém, põe mais em relevo o seu grande amor pela typographia, e muito de proposito tocámos n'este ponto, para demonstrarmos bem, que todos os seus esforços, toda a sua applicação, todo o desenvolvimento que dera ás suas officinas, eram resultado d'um verdadeiro culto que tinha pela arte de Gutenberg, uma predilecção natural, manifestada desde os primeiros annos, e robustecida com o tempo, que primeiro lhe faltou que elle se cançasse de o passar, nas arduas tarefas do trabalho que pertende progredir e vencer as difficuldades que se offerecem.

Mais adeante historiaremos as inovações que Vicente Jorge de Castro fez na typographia e veremos a apreciação que nacionaes e extrangeiros lhes fizeram.

Vicente Jorge de Castro nasceu em Lisboa a 16 de junho de 1821 e era filho de João Maria Rodrigues de Castro, um respeitavel ancião, que ainda conhecemos, com cerca de 90 annos, tão sympathico como afavel, e que n'aquella avançada idade ainda revia provas com uma agudeza de rapaz.

A tendencia de Vicente de Castro levou-o desde creança para a cultura das artes, e antes de ser typographo, estudou musica no Conservatorio, onde obteve o premio de uma medalha de ouro, pelo magnifico exame que fez de rudimentos de musica, em 25 de agosto de 1845.

Uma pertinaz doença de olhos, que lhe deixou vestigios para toda a vida, o impossibilitou, porém, de continuar no estudo regular, limitando-se a simples amador, e como tal, tocando alguns instrumentos de vento com muita distinção, principalmente trompa, um dos mais difficeis instrumentos de latão.

Vendo-se na impossibilidade de seguir a arte da musica, resolveu dedicar-se á typographia, que a tinha de casa, pois seu pae de sociedade com um padre estabelecera, em 1824, na rua dos Fanqueiros uma pequena imprensa, que era como todas as d'aquelles tempos, e em que Vicente de Castro principiou a sua vida de typographo.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — AS CORVETAS SAGRES E DUQUE DE PALMELLA, ESCOLAS DE MARINHEIROS
(Desenho do natural pelo artista amador o sr. José Pardal)

LEITE BASTOS

(Continuado do n.º 288)

Foi por esse tempo que Leite Bastos deitou trem.

Esse trem era d'uma originalidade excentrica e deu nas vistas, foi falado.

Era uma especie d'aranha, muito esquisito, tirado a um cavallo que parecia garrano de carroça e que Leite Bastos guiava desastradamente, com uma semcerimonia de philosopho antigo.

Por toda a parte, em todas as festas mais concorridas, entre as equipagens de luxo, apparecia Leite Bastos no seu carro, com sua mulher ao lado, muito contente, muito senhor de si, como se aquella carroça fosse o phaeton mais elegante, o breck mais apparatoso d'um *sportman* distincto.

E aos solavancos dentro do carro, sempre aos zig-zags pelas ruas, aqui me livro do americano, acolá esbarro n'um passeio, alem me atrapalho entre duas carruagens, elle lá andava, guiando o seu cavallo, *tant bien que mal,* sem se importar com

as risadas trocistas da multidão, paraphraseando o velho proverbio: «ande eu quente, ria se a gente».

Um bello dia o carro desappareceu, e ficou só o cavallo.

Leite Bastos era uma negação completa para a equitação, como o era tambem para a dança.

Porque houve um periodo na mocidade de Leite Bastos, em que elle se deu a *soirées* e se quiz alistar nas filas dos discipulos de Therspsicore.

Como porem Therspsicore morava longe, o Leite Bastos contentou se em ser discipulo do Zonoglio um mestre de dança muito conhecido em Lisboa, que já lá vae ha muitos annos, e legou o seu nome a seu filho, que foi um dos alegres companheiros das nossas rapaziadas e hoje é um distincto musico e um excellente pae de familia.

Pois o Leite Bastos aprendeu a valsar.

Lá n'um dos bailicos onde ia, tinha arranjado uma conquista e esperava pelo momento supremo da valsa, para no delirio do turbilhão vertiginoso lhe fazer a declaração d'amor.

O Zenoglio ensinou-lhe a valsa a dois tempos, mas em muitas mais lições do que tempos.

O Leite Bastos devotou se completamente á dança, estudou com afinco, com enthusiasmo.

Muitas vezes em nossa casa o vimos a ensaiar o passo da valsa.

O dia do baile da declaração aproximava-se.

Elle fez a sua recordação em forma, o seu ensaio geral, e timido como um actor que debuta, preoccupado como um candidato que vae para um concurso difficil, foi para o baile.

Chegou o momento decisivo.

O Macario d'essa festa atacou os primeiros compassos da valsa e Leite Bastos atacou ao mesmo tempo a dama dos seus pensamentos.

Enlaçou-a tremulo de commoção e chamando aos bicos dos pés todas as licções do Zenoglio, lançou-se no redemoinho da valsa.

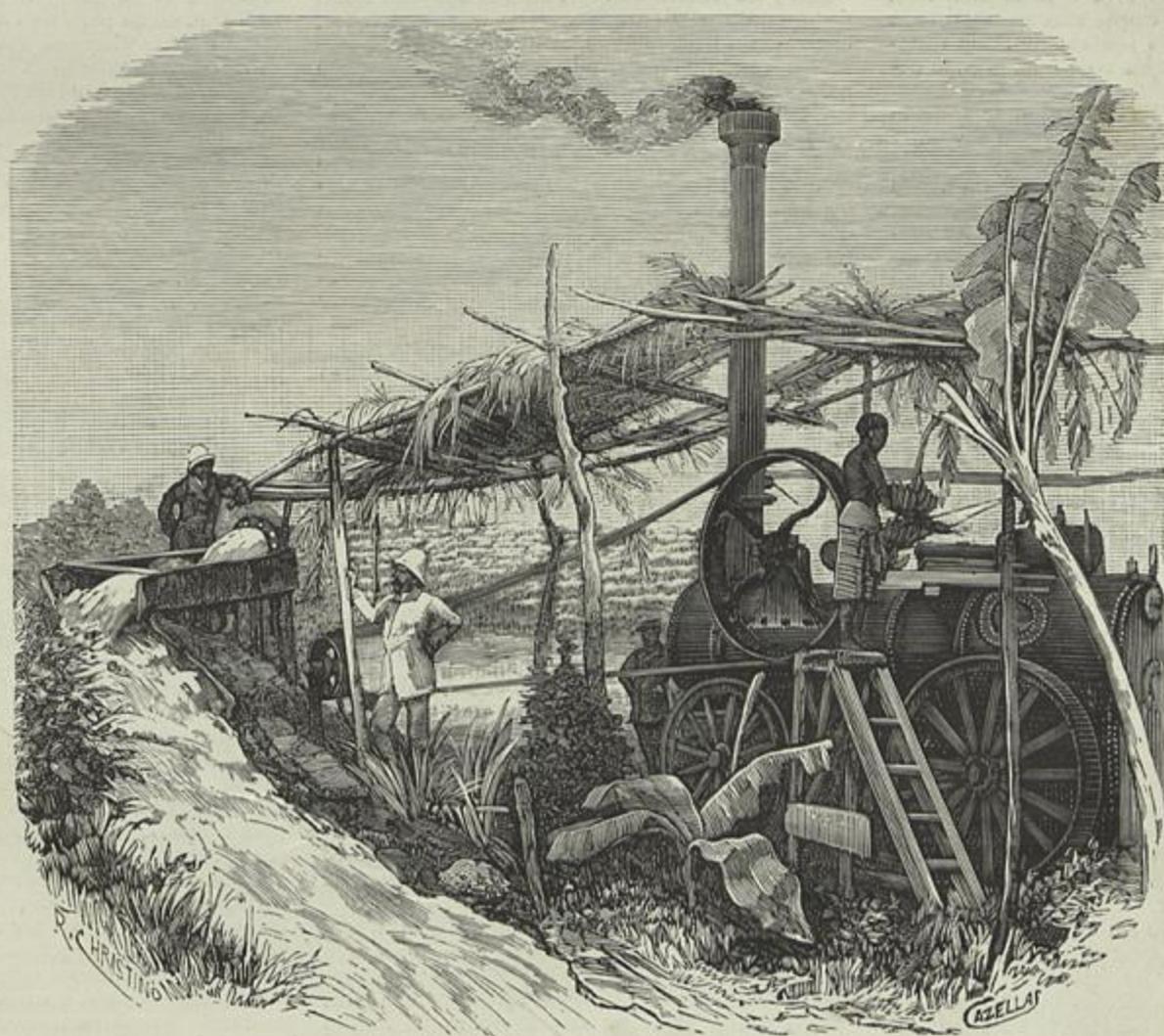
Deu os primeiros gyros e quando os seus labios se entreabriram para a declaração, zás! tropeça e estende-se no meio da casa arrastando na queda a sua dama.

Ella furiosa, despeitada, contusa, levanta-se e vae sentar-se na sua cadeira, sem se dignar dizer uma palavra, lançar um olhar para o desastrado que a fizera passar por aquelle ridiculo; elle corrido, sae pela porta fóra, com a cabeça perdida...

Eram cerca das duas horas da noite mas não se prendeu com isso.

Vae direito a casa do mestre de dança e bate á porta violentamente.

Tudo dormia.

Vicente Jorge de Castro — fallecido em 10 de dezembro de 1886
(Segundo uma photographia)

AFRICA PORTUGUEZA — Fazenda Gratidão, no Dande (Segundo uma photographia)

Bate, torna a bater a deitar a campainha abaixo. A familia accorda estremunhada, e vem á janella imaginando que era fogo.

— Sou eu.

— Quem procura?

— O senhor.

— O senhor está a dormir.

— Accordem-m'o, preciso falar-lhe já, já, e uma cousa muito urgente.

Atrapalhados, subjugados pela intimativa que havia na voz de Leite Bastos, cá do meio da rua, a bater o queixo com frio, os criados vão accordar o mestre de dança.

O pobre homem levanta-se assustado e veste-se á pressa e vem á saleta onde o espera o Leite Bastos.

— Então que novidade ha? perguntou lhe elle com medo de resposta, comprehendendo e bem que só uma grande causa podia fazer o seu discipulo vir accordal-o áquella hora.

— O que ha? repete o Leite Bastos furioso. Ha que cahi.

— Cahiu? pergunta o outro abrindo muito os olhos ainda meio cerrados pelo somno.

— Cahi e quero-me desforrar já, já. O senhor vae-me dar uma lição suprema...

O mestre de dança olhava-o com o espanto como que se olhasse para um doido, estava tão admirado que ao principio nem se lembrou de se zangar com aquelle homem que o vinha accordar, no melhor do seu somno, para lhe ensinar a valsa a dois tempos.

Mas lembrou se d'ali a nada, e então zangou se de veras.

O Leite Bastos respondeu-lhe no mesmo tom; o dialogo azedou se e terminou com este anexim, que o professor aitrou ao seu discipulo e que lhe ficou gravado na memoria como uma data gravada a diamante n'um espelho.

— Sabe que mais? Pregar no deserto é pregar em vão, e ensaboar cabeça a burros é gastar sabão.

E desde essa noite e desde essa phrase, o Leite Bastos nunca mais quiz saber de dança.

Pois de equitação elle o pobre grande escriptor que tão infeliz foi em vida, e que tanto talento tinha para ser bem mais considerado, tinha tanto geito para equitação como para a valsa.

Vel-o a andar acavallo pela rua, fazia rir as pedras

Elle porem, não se importava nada com isso, com a philosophia que sempre acompanhou toda a sua vida, e morria pelo seu cavallo, que tratava pelas suas proprias mãos com uma grande dedicação carinhosa.

O Leite Bastos podia ficar sem jantar por não ter dinheiro para o comprar, mas o seu cavallo é que nunca ficava sem a sua favasinha.

E levava essa amisade pelo seu cavallo a nunca o contrariar em cousa alguma

Quem mandava era elle, o cavallo: Leite Bastos ia para onde elle queria, e parece-nos que o estamos ainda ouvindo a dizer-nos na rua da Escola Polytechnica uma noite em que tendo elle que ir para a baixa, o vimos a caminhar muito pachorrentamente para as bandas do Rato.

— Então tu vaes para ahi?

— Vou?

— Mas para onde vaes?

— Não sei, mas parece-me que *elle* vae beber agua.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

ANTONIO SOARES DOS REIS

Professor de esculptura da Academia Portuense de Bellas-Artes

(Continuado do n.º 288)

Soares dos Reis esteve em Pariz, desde 6 de novembro de 1867 até agosto de 1870, em que rebentou a guerra franco-prussiana, sendo por isso forçado a voltar para Portugal.

No seu regresso ao paiz natal, deu-se um episodio de viagem engraçado:

Ao chegar a Bayonne, o artista tendo de demorar-se alli algumas horas, quiz aproveitar o tempo fazendo uns croquis. Por fatalidade, o ponto que escolheu foi uma das fortificações situada em uma eminencia e terminado o esboceto e ao dirigir-se para o hotel, mal julgava o *touriste* que era cuidadosamente vigiado pela policia.

A' noute munido do seu bilhete, dispunha-se a partir, estava já como costuma dizer-se com o pé no estribo, quando recebe a intimação de retroceder, debaixo de prisão, para a *mairie.*

Para quem conhece Soares dos Reis, póde imaginar-se o exaspero a que o levou esta contrariedade que lhe ia retardar a jornada por um espaço que nem elle podia calcular. Berrou, protestou, declarou o seu nome, disse ser portuguez, artista, e que voltava á sua patria, mas tudo foi inutil. A policia de Bayonne, não podia acreditar que um estrangeiro se desse por mero prazer, ao trabalho de copiar uma fortaleza, no momento em que se travava uma lucta encarniçada entre a França e o futuro imperio Allemão. Aquelle sujeito, pois, não podia ser senão um espião prussiano e portanto cadeia com elle.

Para cumulo de infortunios, os signaes designados no passaporte, não condiziam muito justamente com os da physionomia do portador, e isto mais accentuou as suspeitas. D'alli a um conselho de guerra e a um fuzilamento, era questão de mera formalidade, pensava já naturalmente o artista.

Trocaram-se telegrammas para o consul de Portugal em Pariz, procedeu-se ás demais averiguações que o caso requeria e só depois de bem esclarecida a policia de que o prisioneiro não era prussiano, e muito menos espião, é que foi posto em liberdade, dando-se-lhe um novo bilhete para continuar a viagem no comboyo que havia perdido pela detenção da authoridade.

Uma noute passada sob os ferros do imperador e o transtorno de uma interrupção de horas em uma jornada, deram de uma vez para sempre o convencimento a Soares dos Reis de que é perigoso fazer desenhos ao ar livre e em praças artilhadas estrangeiras, principalmente, em occasiões de guerra.

E tão certo ficou o artista d'isso, que em 1881, achando nos ambos em Bayonne onde nos demoramos um dia, elle indicando-me o sitio que originára toda aquella serie de desgraças, nem sequer se atrevia a apontar com o dedo, com receio de que o surprehendesse o olhar de uma sentinella que a distancia passeava distrahidamente.

Eu ainda lhe retorqui que a França não andava então em guerra, que podiamos olhar socegadamente para a tal fortaleza e mesmo para as restantes, mas elle tomando-me o braço respondeu sentenciosamente:

—O seguro morreu de velho, meu amigo. Não me esqueceu ainda que por pouco mais estive aqui detido por suspeitas de espião dos allemães. Vamos a Biarritz.

Em 7 de janeiro de 1871, Soares dos Reis sahiu de novo do paiz para completar os seus estudos, chegando a Roma em 17 do mesmo mez.

Não obstante ter-lhe sido indicado officialmente para professor n'aquella cidade o celebre estatuario Julio Monteverde, Soares dos Reis nunca trabalhou sob a sua direcção, não deixando comtudo de aproveitar muito com a analyse das obras d'aquelle artista, todas admiraveis de execução no marmore e em nada semelhantes, n'essa parte, ás que estava habituado a ver em Paris, onde em geral os esculptores são menos habeis na pratica do marmore, chegando por vezes a estragar a reproducção de um bom modello e a commetter mesmo erros imperdoaveis.

Soares dos Reis fôra mandado para Roma especialmente para fazer um trabalho de invenção propria e sob sua completa responsabilidade, sendo portanto um contrasenso as instrucções que levara para Italia, de executar esse trabalho sob a direcção de um professor.

Foi em Roma que Soares dos Reis fez a sua notavel estatua *O desterrado*, esse verdadeiro primor de arte, admirado por nacionaes e estrangeiros. O assumpto era n'esse momento o que melhor quadrava ao estado de espirito do artista, e assim transluz na formosa figura aquella adoravel expressão de melancolia, que é como o reflexo da profunda saudade da patria.

Alem d'essa estatua, executou, de collaboração com o seu collega o sr. Simões de Almeida, um medalhão de Domingos Antonio de Sequeira, segundo um pequeno busto reproduzido de outro grande, obra do celebre esculptor italiano Tenerassi, que fôra amigo intimo do retratado.

Como é sabido, o insigne pintor acha se sepultado na egreja de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma, sem que um nome sequer assignale a sua ultima morada.

Foi esse indesculpavel esquecimento, para a memoria de um artista portuguez de tanta fama, que determinou a lembrança do medalhão. Os dois esculptores porem não tiveram tempo para o concluir, e assim lá existe elle á espera de outros pensionarios, que não deixarão de prestar, com o seu trabalho, um tributo de respeito á memoria de Sequeira, contribuindo d'este modo, ao menos, para que esse nome seja lembrado aos estrangeiros que diariamente visitam aquelle estabelecimento.

Soares dos Reis esteve em Roma até 27 de julho de 1872, visitando, no seu regresso á patria, as principaes cidades de Italia, e passando por Paris, Madrid e Lisboa, chegou a Villa Nova de Gaya em principios de setembro d'aquelle anno.

Depois d'isso só sahiu do reino em 1881, em companhia do author d'estas linhas, indo a Paris, onde esteve perto de um mez, e percorrendo outras cidades de França e Hespanha.

De volta á sua terra natal, com o espirito cheio de bellas ideias e de sonhos dourados de ambição artistica, o moço esculptor teve a aguardal-o uma d'essas desillusões que levam o desanimo á alma mais intrepida.

Em vez das estatuas, dos bustos, das concepções, emfim, em que esperava poder applicar toda a actividade do seu genio, todos os recursos do seu talento, o artista viu-se reduzido, para obter os meios de subsistencia, á triste contingencia de modellar estatuetas para canteiros e até para fabricantes de louça, e a esculpir imagens em madeira para egrejas!

Foi prolongada a lucta, e n'essas horas tristes de desalento e de desesperança, por mais de uma vez occorreu a Soares dos Reis o ir procurar no estrangeiro o que a patria ainda não lhe podia dar: o trabalho digno e compensador dos seus merecimentos.

Uma causa imperiosissima, porem, o impediu de se expatriar: foi o affecto pela familia, o amor sacrosanto por sua mãe, uma veneranda senhora para quem a ausencia do filho seria o golpe supremo, que o deteve, e a esse sentimento de idolatria filial se deve o ter hoje o paiz no seu seio um artista que o honra e o engrandece com suas obras.

Passados os primeiros annos de adversidade, começou a raiar para Soares dos Reis uma aurora mais limpida e promettedora. A custa das maiores economias pôde fazer alguns trabalhos em marmore, e o acolhimento enthusiastico que tiveram abriu-lhe as portas, não da riqueza, mas da reputação e do respeito publico.

As encommendas principiaram a affluir, ainda que lentamente, os seus trabalhos a ter uma prompta acquisição, e aos alvores sorridentes dos primeiros dias de felicidade conseguiu o artista ir realisando a sua mais persistente ambição, a de ter um *atelier* proprio.

Não sem pequenos sacrificios, Soares dos Reis alcançou ver erguido o seu pequeno templo de trabalho, tendo para isso adquirido um terreno na rua Luiz de Camões, em Villa Nova de Gaya, e desde esse momento deixou o antigo *atelier* que havia alugado na rua de Malmerendas, e onde hoje está estabelecida a officina de canteiro do sr. Laurentino.

A officina e o pequeno jardim que a limita, foi desde então o alvo dos desvellos effectuosos do artista-horticultor. Umas poucas de horas do dia para a estatuaria e as restantes para as flores, para os arbustos e... para as alcachofras, as verdes alcachofras, que o golotão se acostumara a saborear lá fóra como um dos acepipes mais predilectos.

A esta existencia tranquilla, verdadeiramente patriarchal, veio um dia roubal o o cumprimento de obrigações mais agitadas.

Por fallecimento do antigo professor de esculptura, Manuel da Fonseca Pinto, vagara aquella cadeira.

Foi logo lembrado Soares dos Reis para a prehencher, mas o artista mostrava certa relutancia em a occupar, não porque lhe repugnesse o ensino ou lhe faltasse o desejo de fructificar em outros, os recursos da sua aptidão propria, mas porque sentia que a sua entrada para a Academia só se podia dar, quando reformas profundas a collocassem em circumstancias compativeis com as idéas que bebera no seu longo tirocinio artistico, no estrangeiro.

Instado, cedeu por fim e principalmente quando lhe asseveraram que só como professor d'aquelle estabelecimento é que poderia remover os embaraços com que contava, visto o cahos em que estava o ensino na Academia e sobretudo na aula de esculptura.

Compellido por estas promessas, apresentou-se no concurso aberto em 1881 para prehenchimento d'aquella cadeira, sem ter oppositor, fez as respectivas provas, foi approvado, e no anno lectivo de 1881-1882, começou a reger a sua aula.

Intransigente nos seus principios, a lucta contra costumes perniciosos inveterados no estabelecimento de que outr'ora fôra alumno e agora era mestre, devia travar-se em breve, e o resultado d'ella ainda ha pouco se patenteou em um opusculo publicado pelo illustre professor.

N'este opusculo apresenta Soares dos Reis a proposta que fizera para a reforma da aula de es-

culptura e menciona as causas e as tristes peripecias que se deram para o forçarem a abandonal-a perante a opposição aberta e persistente da maioria do corpo docente da Academia.

A reforma pretendida pelo professor, tendia principalmente a permittir-se, que o alumno que pelo seu talento e applicação podesse passar a estudos do anno seguinte d'aquelle que frequentasse, o fizesse, deixando por esta forma de ficar accorrentado infructuosamente e por um espaço regulamentarmente determinado, a principios elementares que nada lhe podiam aproveitar, não deixando comtudo de fazer as provas de exame final de todos os annos do curso.

Foi contra esta medida, de um immenso alcance para o progresso do ensino de um dos ramos das bellas-artes, que se insurgiram quasi todos os collegas do proponente e assim ficou prevalecendo mais uma vez a rotina e continuando a manter-se as velharias com que só hade acabar um dia a geração enthusiasta dos novos apostolos do ensino artistico.

Do opusculo de que se trata, deprehende-se ainda que a terrivel proposta causou tal repugnancia que nem sequer se lhes quiz dar a honra de uma discussão séria, e que na Academia ha como que uma opinião antecipada contra quaesquer idéas de reforma, quando ellas partam de um espirito que tem só por alvo e por preoccupação unica, a gloria e o brilhantismo da arte nacional.

Soares dos Reis deve ter achado por muitas vezes bem justificados o presentimento que o impellia a recusar a cadeira que rege, porque hão de ter sido profundissimos os desgostos que esse cargo lhe trouxe.

Em compensação, na sua consciencia deve existir a doce tranquillidade dos que teem a convicção inquebrantavel do rigoroso cumprimento dos seus deveres.

(Continúa) *Manuel M. Rodrigues.*

O infante D. Duarte e a Restauração de Portugal [1]

A 23 de novembro, deixou D. Duarte Villa Viçosa; e, dizendo adeus á casa paterna, e a quantos n'ella estimava, seguiu caminho de Lisboa, sem ao menos esperar, tanta era a pressa, o nascimento de sua sobrinha D. Catharina, futura rainha de Inglaterra, pelo casamento com Carlos II, facto succedido d'ahi a dois dias, e que D. João lhe participou no começo de dezembro. Tencionava D. Duarte alcançar ainda o navio que o trouxera, o qual estava para levantar ferro, e embarcar-se immediatamente; mas já o não encontrou no Tejo e teve que esperar a sahida de outro. O descuido de um criado foi a causa d'este transtorno.

Claro se deprehende do que fica dito, que o proposito seu era fugir á côrte e ás communicações em geral. Ao chegar ao reino, seguiu logo para Villa Viçosa, ignoramos se directamente da embarcação em que viera, ou se depois de entrar na cidade, podendo muito bem ser que se realizasse a primeira hypothese. Ao tornar a Allemanha, calculou o tempo de maneira, que abandonou Villa Viçosa quando o navio estava quasi a dar á vela, tudo levado do desejo de não se demorar em terra, onde só permaneceu o menos possivel e casualmente.

O estado do reino, que esboçámos, levou-o a adoptar este procedimento. A sobranceria da duqueza de Mantua, cujo tracto já D. João evitára, quando ella passou por Elvas, entrando em Portugal; o odio do conde-duque á familia de Bragança, e mesmo á sua pessoa, manifestado por tantos modos; o descontentamento de muitos nobres contra o omnipotente ministro Miguel de Vasconcellos; as esperanças que a sua presença podia dispertar entre elles e o povo; as suspeitas que d'ahi conceberiam o governo de Lisboa e o de Madrid; todos estes motivos obrigaram-o a não se demorar na capital, e a esquivar quaesquer entrevistas ou compromissos.

Os temores de D. Duarte não careciam de fundamento. A sua vinda, segundo diz frei Raphael de Jesus, pôz álerta o valido de Filippe IV; a seita dos sebastianistas, expressão eloquente da saudade de melhores tempos, e anceio de recuperar a independencia, a qual engrossava cada vez mais com os descontentes, e ainda então era rasoavel, porque ainda podia existir, conforme a lei da natureza, o objecto da sua crença, a seita dos sebastianistas, que vendo já proximo o termo fatal, imposto por essa lei, procurava para muitos encarnar-se n'outra personalidade viva, aproveitou o ensejo, e declarou á bocca cheia que elle fôra enviado expressamente a Portugal pelo Encoberto, sob cujo nome alguem começava a querer vêr o duque de Bragança: porque cumpre saber-se que por esse tempo, ou pouco depois, os commentadores das prophecias de Bandarra, julgavam achar allusão a D. Duarte, nos seguintes versos do oraculo popular:

> Este rei tem um irmão
> Bom capitão;

e no outro

> Não se sabe sua irmandade;

o que, segundo o seu modo de vêr, significava que eram tão amigos o duque e elle, que não havia palavras para exprimil-o perfeitamente; emfim a poesia, o desafogo dos grandes sentimentos nacionaes, soltou a voz, congratulando-se da sua vinda, e pedindo-lhe que ficasse no reino, como se mostra d'estas significativas estrophes:

> Appareceis na patria saûdosa
> Depois de quasi um lustro, escondido
> Como entre nuvens sol, que, apparecido,
> Faz a manhan mais fresca e mais formosa.
> ....
> Das gentes sois agora o desejado,
> Bom grado ao valor vosso, e á vossa fama,
> Que, publicada ao mundo, elle vos chama
> Para vos dar os bens que tem negado.
> Da patria foi rogado
> Camillo, e, para vir do seu desterro,
> Com honras confessar lhe fez seu erro.
> A vossa, a seu exemplo,
> Como ella throno deu, vos dará templo.
>
> Olhae, principe meu, que a crueldade
> Que avezou beber sangue, e assim se cria,
> Chega a pôr-se em altar por tyrannia:
> Só os sceptros de amor são de verdade.
> Se isto vos persuade,
> No reino portuguez tendes empreza,
> Na casa em que nascestes grande alteza.

A mais chegaram, porém, as manifestações de amor e enthusiasmo a favor do irmão do duque de Bragança: houve até quem o procurasse em nome da salvação publica, e lhe offerecesse a corôa, se D. João a não quizesse:

«Em novembro de 1638, escreve Nicolao da Maia e Azevedo, na sua *Relação*, veio D. Duarte de Allemanha a Lisboa, e foi aposentado por D. Francisco de Faro na quinta de seu sogro Francisco Soares, e, como se occultou ás vistas, nenhum fidalgo houve que lhe pudesse fallar. Porém D. Antonio Mascarenhas, tanto que soube da sua chegada, levado do grande amor, com que venerava a casa de Bragança, e do zelo da patria, em que, desde os primeiros annos, procurou sempre imitar a seu pae, D. Nuno Mascarenhas, fez muitas diligencias pelo vêr, e, alcançada a licença, lhe deu conta das insoffriveis calamidades que este reino padecia; procurou persuadil-o a que não se fosse para Allemanha em tempo que o seu valor devia empregar-se em conseguir a liberdade da patria, e restituir ao duque, seu irmão, o sceptro que, por tantos titulos, lhe era devido. Assegurou-lhe que a nobreza de Portugal estava descontente, e nomeou-lhe alguns fidalgos, que, de todo o coração, como verdadeiros portuguezes, se haviam deliberado a sacudir o jugo de Castella, fundando a esperança de tão heroica empreza no amparo da excelsa casa de Bragança. Lembrou-lhe que este amor e este zelo herdára de seus maiores, pois já seu pae, D. Nuno Mascarenhas, fôra a Villa Viçosa no anno de 1617, em que ao porto de Lisboa veio a frota das Indias, só com animo de persuadir ao duque D. Theodosio a que se lembrasse do mortal aggravo que el-rei de Castella lhe fazia em lhe usurpar o reino, de que elle era legitimo successor, e que a isto respondera que não era ainda chegada a hora da restauração de Portugal. Lembrou-lhe tambem que o amor e o zelo da patria o inquietavam de tal maneira, que, no anno de 1637, quando foi a alteração do Alemtejo, fôra a Evora a admoestar os cabeças d'aquella parcialidade que não desistissem do começado, e que, para que a empreza tivesse bom successo, pedissem amparo á casa de Bragança. Emfim, discorreu sobre a materia com tal affecto, que fez grandissimo abalo no coração d'este principe. E D. Francisco de Faro, encontrando a Jorge de Mello, lhe rogou que fosse visitar ao senhor D. Duarte; o que elle fez logo; e, tanto que chegou a vêr-se em sua presença, lhe disse: senhor, onde se vae v. ex.ª, quando o reino está luctando com as ondas de um pego de continuas vexações, e quando el rei de Castella, em vingança do desgosto que lhe deu a alteração de Evora, nos quer anniquillar e reduzir á mesma infelicidade de Galliza? O duque é o legitimo rei de Portugal; se elle não quizer acceitar o sceptro, acceite-o v. ex.ª, que nós saberemos sacrificar a vida em sua defeza. A isto respondeu o senhor D. Duarte, que Deus ordenaria as coisas como melhor nos estivesse a todos, e que, offerecendo-se occasião, viria d'onde quer que se achasse, e não nos faltaria com seu amparo.»

Muitos talvez censurem o procedimento de D. Duarte em não adherir logo ás instancias de quem o procurou; talvez mesmo o taxem de indifferença pela sorte da patria. Dirão: fallaram-lhe na liberdade da terra natal, nas tyrannias que a sujeitavam, nos direitos da sua familia ao throno; convidaram-o a ajudar seu irmão a subir-lhe os vacillantes degraos; a substituil-o, se elle o rejeitasse; e ficou surdo a todas as propostas, a todas as persuasões, a todos os rogos. Concedendo que tudo isto é verdade, tambem devemos conceder que, pelo breve tempo que esteve em Portugal, D. Duarte não poderia alcançar perfeito conhecimento dos projectos que se maquinavam; que eram estes abraçados ainda por muito poucos; que D. João não sómente se não resolvera, nem resolveu, senão muito posteriormente, mas até não ousava, nem ousou longo tempo, abrir-se com a nobreza, nem a nobreza com elle «porque, diz Antonio Paes Viegas no seu *Manifesto*, de parte a parte se receiava a primeira declaração, não se assegurando cada uma do que acharia na outra, e passava isto tanto adeante, que não parando em receios, chegavam a brotar desconfianças». Devemos tambem lembrar que, se havia muitos portuguezes fieis e amantes do seu paiz, havia alguns que o não eram, e que, sob falsas apparencias de amizade, serviriam de espias e delatores; que o governo hespanhol nutria o mais ardente desejo de encontrar pretexto para, com visos de justiça, perseguir e castigar o reino, reduzindo-o a uma simples provincia; que um dos meios de o fazer seria compromettter-se a casa de Bragança, que tanto anciava destruir, n'alguma tentativa de revolta contra o seu dominio; que nunca esta se lhe tornara mais suspeita do que depois do levantamento d'Evora; que a severidade, promptidão e crueza com que o mesmo, havia oito mezes apenas, fôra extincto, se tinham exasperado, tambem tinham atterrado os animos, deixando prever com quanto maior rigor seria reprimido outro projecto de emancipação; e, por ultimo, que o estado de Hespanha e o da Europa contrariavam qualquer movimento no reino.

(Continúa) *J. Ramos Coelho.*

[1] Este artigo é em grande parte um fragmento da minha *Historia do Infante D. Duarte*, obra extensa e complexa, que envolve muito da historia da Restauração, nos primeiros nove annos, e que espero não tardará a sahir á luz.

A nota acima precisa uma nota. Esperava, é certo, que a minha obra se publicasse em breve; esperava-o contando com os outros; hoje vejo que devia e devo contar só comigo. Da minha parte tenho feito tudo quanto é possivel para pagar esta divida nacional de ha quasi 240 annos ao martyr da restauração portugueza. Enterrei-me nos archivos e bibliothecas; procurei; examinei; exctratei; copiei; summariei impressos e manuscriptos; aproveitei d'estes proximamente 900; e escrevi a minha obra, que não é uma simples biographia, mas, em parte, a historia n'aquella epoca da propria restauração e da caza de Bragança; e logrei quasi terminal-a tendo já original que deitará 2 volumes de 500 paginas cada um. Tudo isto dependia de mim e fil-o. O que não pude, porem, fazer, foi vencer a ignorancia, a indifferença, e não sei se a inveja dos que não curam d'estas coisas litterarias, infelizmente para ellas e tambem para elles. A fim de completar a historia do infante D. Duarte, como a concebi a executar, é indispensavel compulsar os documentos que existem em Milão. Pedi ao governo que me enviasse a Italia, não com o fim de extrahir apontamentos, mas para tirar de todos uma copia, que lhe ficaria pertencendo — copia que, ha muito já devia existir nos nossos archivos, como insignificante demonstração de apreço dos relevantes serviços prestados por varão tão merecedor da estima e recompensa da patria que o deixou morrer encarcerado, e consentiu que se perdessem os seus restos. Pois já lá vão uns 3 annos, e o meu requerimento dorme na secretaria do reino; e a minha obra está parada ha quasi outro tanto tempo; e ninguem se importa (nem mesmo aquelles a que mais competia importarm-se com ella, nem com a memoria de um dos principes mais illustres de Portugal, e um dos melhores ornamentos da dynastia hoje reinante. Que vale tudo isto, que vale a historia nacional para os politicos e para os grandes ou que se reputam grandes? Nada, absolutamente nada. Quando imprimir o meu trabalho contarei todos estes pormenores.

Ramos Coelho.

RESENHA NOTICIOSA

Premio de esculptura. O sr. conde de S. Salvador de Mattosinhos desejando animar as Bellas-Artes de Portugal, tenciona estabelecer um premio pecuniario que denominará *Premio Maria Pia* para ser conferido aos estudantes de esculptura que mais se distinguirem na Academia de Bellas Artes de Lisboa ou do Porto. Achamos a idéa do sr. conde de todo o ponto louvavel, tanto pelo

auxilio que presta á arte, como pela homenagem que presta a sua magestade a rainha.

Incendio no Alcaçar de Toledo. Um telegramma recebido á ultima hora, diz que lavra grande incendio no alcaçar de Toledo.

Fallecimento. Falleceu no dia 1 do corrente o muito conhecido jornalista Antonio Joaquim de Figueiredo Guimarães, por alcunha o *Pomada Florestal,* que lhe ficou desde que em tempos explorou uma industria de pomada com este titulo. Figueiredo Guimarães era homem de talento, muito industrioso e emprehendedor, mas nada persistente em suas emprezas, de que resultava nunca as levar a bom fim, passando uma vida cheia de peripecias as mais extravagantes, em que as alternativas de opulencia e miseria se succediam como o fluxo e refluxo das marés. Figueiredo Guimarães tinha approximadamente 60 annos, e durante a sua vida fundou muitos jornaes, que enchia com os seus artigos sobre politica e administração, artigos bem escriptos, por muitas vezes violentos, e em que se revelava um argumentador vigoroso. Entre os jornaes que fundou citaremos *A Patria,* folha de grandes dimensões em que collaboraram Rebello da Silva, Mendes Leal, Bulhão Pato, e outros escriptores notaveis; depois fundou o *Diario Commercial,* tambem de grande formato, e outros mais, que tiveram existencia ephemera, apesar do publico os receber bem, mas que o seu proprio auctor os matava por falta de boa administração. A vida de Figueiredo Guimarães foi uma verdadeira lucta, em que tinha por inimigo principal a si proprio, o peior de todos os inimigos, porque os defeitos de organisação ou educação teem sempre mais poder que o individuo. Descance em paz.

O clinometro. Uma recente invenção ingleza veio substituir o antigo pendulo empregado nos navios para medir as oscillações. O novo instrumento, a que o seu auctor deu o nome de *Clinometro,* compõe-se de um tubo de vidro em forma de arco, cheio de agua e com uma borbulha de ar, applicado sobre um arco de metal graduado, e cujo zero coincide com a borbulha de ar quando o navio está na sua posição normal. A borbulha de ar, subindo ou descendo em volta do arco, conforme o navio se inclina para bombordo ou para estibordo, registra sobre o arco graduado o grau das oscillações.

Exposição industrial no Palacio de Crystal do Porto. Deve ser aberta no dia 19 de junho do corrente anno uma exposição de industria no Palacio de Crystal do Porto, a qual será encerrada no dia 21 de agosto. Admittem-se a esta exposição todos os productos da industria nacional, havendo tambem uma secção especial para as bellas-artes. Os expositores não teem nada a pagar pelo espaço que occuparem com os seus productos, e a direcção fornece gratuitamente mostradores para os productos serem expostos. Os objectos destinados á exposição devem ser entregues até 31 de maio e acompanhados das respectivas guias, que podem ser requisitadas á direcção, assim como o programma da exposição.

A litteratura em França, em 1886. Relanceando a vista pelo que a litteratura produziu em França no anno que findou, encontramos que o theatro foi o mais escasso em producções de valor. Apenas Victorien Sardou poz em scena o *Crocodilo,* com pouco exito, e Meillac as *Demoiselles Clochard* e *Gotte,* que tambem não tiveram grande exito, sendo ainda mais infelizes varias producções de outros auctores. Na historia não sahiu á luz uma palavra, e a poesia produziu o notavel poema de Richepin, *La mer.* No romance apresentaram-se *Un crime d'amour* e o *Pêcheur d'Islande,* que despertaram a attenção publica, assim como *A abbadessa de Jouarre,* de Renan. Zola publicou *L'Œuvre;* Jorge Ohnet, *Les Dames de Croix-Morte;* Guy de Maupassant, *La petite Roque;* Octavio Feuillet, *La morte;* Ludovico Halevy, *Princesse;* Mario Uchard, *Jaconde Berthier;* Catulle Mendès, *Zothar;* Richepin, *Braves Gens;* e Octavio Mirabeau, *Calvaire*

O general Francisco Pittié

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos.

O ultimo beijo, por Henrique Peres Eschich, traducção livre; Joaquim Antunes Leitão, Porto. Volume 3.º d'este bello romance, que pertence á collecção da *Bibliotheca do Cura d'Aldeia,* e ao qual já nos referimos quando recebemos o 1.º e 2.º volumes.

Almanach republicano para 1887, por J. Carrilho Videira; *Nova livraria internacional,* editora, Lisboa. Este almanach, que se publica ha treze annos, tem os seus creditos tão bem firmados e é tão conhecido do publico, que achamos desnecessario qualquer recommendação.

Primeiro catalogo da *Sapataria e chapelaria João Damasceno de Moraes Simões.* É um folheto de 32 paginas, profusamente illustrado com modelos de calçado e de chapeos proprios da estação de inverno. Este pequeno livro, que a muitos passará desapercebido, é entretanto de alguma importancia industrial, porque marca um progresso e dá um exemplo digno de ser imitado por outros estabelecimentos industriaes importantes. No estrangeiro são vulgares estes catalogos illustrados industriaes; entre nós, porem, é novidade que seria muito para desejar se vulgarisasse, como meio de tornar mais conhecida a industria portugueza.

A Moda, publicação trimensal illustrada com figurinos em phototypia, e offerecida aos consumidores-revendedores da Real e Imperial Chapelaria a Vapor de Costa Braga & Filhos, Porto. Conta já cinco annos esta publicação, feita pelos srs. Costa Braga & Filhos, proprietarios de uma das primeiras fabricas de chapeos, premiada em varias exposições nacionaes e estrangeiras. O exemplar que temos presente traz figurinos de chapeos para inverno, cujos modelos são variados e elegantes.

A alliança Helleno-Latina, discurso pronunciado por Emilio Castellar no dia 4 de novembro em Paris. Barros & Filha editores, Porto, 1886. D'esta edição fez-se apenas a tiragem necessaria para distribuir pelos jornaes e salvar a despeza, tirando-se 25 exemplares numerados para as camoneanas. O discurso de Castellar pornunciado em Paris, na presença de uma assembléa escolhida, foi enthusiasticamente victoriado como acontece sempre ao grande orador. A idéa do discurso é das mais sympathicas na theoria, e Castellar espendeu-a superiormente. No prefacio do opusculo, dis-se: Não é uma peça de propaganda politica, servindo as ideias de um partido, a excepcional oração de Castellar, como não foi o sentimento egoista de castelhano, que tivesse por movel a utilidade particular e exclusiva do seu paiz, que inspirou o grande tribuno hespanhol. Manifestaram-se mais largos horisontes, mais nobres e generosas as suas aspirações. A idéa luminosa, viavel, pacifica, da alliança helleno-latina, idéa tão grata a hespanhoes, gregos, italianos, francezes e portuguezes, que sintam ainda nas veias o sangue fervente legado pelas duas grandes familias dominadoras uma pelas artes e philosophia, outra pelas armas e litteratura, foi que constituiu o thema sympathico do magestoso discurso. E effectivamente assim é, mas esta idéa tão sympathica e tão logica, não poude até hoje tornar-se em realidade e por uma contradição bem frisante, os povos tem procurado allianças estranhas á sua raça. Castellar referindo-se a Camões exalta o immortal autor dos *Lusiadas,* o principe dos poetas do seculo XVI que ainda hoje impera com toda a gloria, que outro genio não offuscou, pelo que é duplamente interessante para nós portuguezes o notavel discurso que vimos de nos referir.

Diccionario Universal Portuguez Illustrado, redigido pelos principaes escriptores, e editado e dirigido por Henrique Zeferino de Albuquerque, etc. Lisboa. Fasciculo 89, de 48 paginas. Este fasciculo trata da palavra *banco,* que já vem do fasciculo precedente e que ainda continua, pelo que se pode fazer ideia do que a respeito d'esta palavra diz, fazendo a historia, para assim dizermos, do estabelecimento de bancos desde a sua origem. Isto poderá ser longo para um diccionario, mas é muito curioso e até importante.

Almanach Illustrado das Horas Romanticas para 1887, David Corazzi, editor, Lisboa. É o 14.º anno de publicação d'este almanach, illustrado por Manuel de Macedo, e com grande variedade de artigos e poesias por escriptores e poetas distinctos.

Fogos Fatuos, por Joaquim de Lemos, Porto, Imprensa Moderna, 1886. Um elegante livrinho de versos não menos elegantes, e que são os primeiros vôos da imaginação de um poeta apaixonado pela sua musa inspiradora, onde o amor impera com todas as illusões dos primeiros annos, o que o auctor não occulta quando diz:

> Versos escriptos n'uma fresca idade,
> Versos do meu soffrer, versos risonhos
> Versos d'amor e versos de saudade,
> Versos realistas, versos de meus sonhos;
>
> tristezas, festas, prantos, illusões
> que dentro em mim por vezes acolhi,
> da mocidade invalidas canções,
> retalhos da minha alma, eil-os aqui

Este primeiro livro de versos é uma estreia feliz que deve animar o seu auctor a proseguir ainda mesmo que tenha perdido as primeiras illusões.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.